

**RESISTÊNCIAS E
RELIGIOSIDADE DOS
INDÍGENAS TABAJARA DA
PARAÍBA NO SÉCULO XXI**

*RESISTANCES AND RELIGIOSITY
OF THE TABAJARA INDIANS OF
PARAIBA IN THE 21ST CENTURY*

Glício Freire de Andrade Júnior

Doutor em Ciências das Religiões. Prefeitura Municipal de Gurinhém, PB, Brasil. E-mail:
glicio.freire@academico.ufpb.br

Lusival Antonio Barcellos

Doutor em Educação. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Brasil. E-mail:
lusival.barcellos@academico.ufpb.br

Resumo: A representação do índio como 'o outro', 'selvagem', 'exótico' foi o meio retórico utilizado para que ocorressem as mais grotescas formas de domínio, escravidão, invisibilidade e extermínio desse povo. Uma riqueza cultural como costumes, língua, culinária, crença, rituais, espiritualidades deixou de ser reconhecida e foi exterminada. O entendimento e a valorização acerca dos povos ancestrais foram silenciados e apagados. Autores como Costa (2022), Falcão (2022), Farias (2021) e Figueiredo (2020), asseveram que esse olhar acerca dos povos originários continua existindo e está presente na sociedade, principalmente através de manifestações de preconceitos, discriminações e desvalorização dessa cultura ancestral. O presente estudo é um recorte de tese de doutorado que analisa os limites e desafios do Universo Religioso dos Indígenas Tabajara da Paraíba, no século XXI (Andrade Júnior, 2022). Nesse sentido, o objetivo é analisar a relação dos Tabajara com a fé cristã professada pelas igrejas pentecostais. Trata-se de um trabalho com abordagem qualitativa, que utiliza a pesquisa descritiva e bibliográfica na última década. Os resultados revelam que os Tabajara, na busca pela retomada de seus territórios e na preservação da sua identidade, continuam enfrentando conflitos no campo da religiosidade e da afirmação da sua etnicidade.

Palavras-chave: Indígenas Tabajara. Pentecostalismo. Cultura. Identidade.

Abstract: The representation of the Indian as 'the other', 'wild', 'exotic' was the rhetorical medium used to bring about the most grotesque forms of domination, slavery, invisibility and extermination of these people. Cultural wealth such as customs, language, cuisine, belief, rituals, spiritualities is no longer recognized and has been exterminated. The understanding and appreciation of ancestral peoples were silenced and erased. Authors such as Costa (2022), Falcão (2022), Farias (2021) and Figueiredo (2020) assert that this view of original peoples continues to exist and is present in society, mainly through manifestations of prejudice, discrimination and devaluation of this ancestral culture. The present study is an excerpt of a doctoral thesis that analyzes the limits and challenges of the Religious Universe of the Tabajara Indians of Paraíba, in the 21st century (Andrade Júnior, 2022). In this sense, the objective is to analyze the relationship of the Tabajara with the Christian faith professed by the Pentecostal churches. It is a work with a qualitative approach, which uses descriptive and bibliographic research in the last decade. The Tabajara, in the search for the retaking of their territories and in the preservation of their identity, continue to face many conflicts in the field of religiosity and the affirmation of their ethnicity.

Keywords: Tabajara Indians. Pentecostalism. Culture. Identity.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo versa sobre a resistência e religiosidade do povo indígena Tabajara da Paraíba. O processo histórico desse povo originário teve e continua tendo muitas disputas e conflitos de interesses. Nosso recorte para este estudo será adentrar no universo da religiosidade.

Quando os indígenas se convertem à fé cristã e, mais especificamente, ao pentecostalismo, surge a seguinte pergunta: por que determinados grupos étnicos afirmam sua identidade como parte da conversão ao pentecostalismo, mesmo que essa manifestação religiosa faça poucas concessões à sua cultura? É bem verdade que o pentecostalismo é descrito por pesquisadores como um movimento religioso transcultural e multifacetado, tornando-se uma colcha de retalhos das identidades étnico-nacionais em suas “abundantes formas culturais”¹.

Nesse sentido, o pentecostalismo configura-se como um dos mais poderosos movimentos religiosos presentes no Brasil. Quando priorizamos o universo religioso dos povos originários, é importante notar que o quadro não é diferente. As terras brasileiras eram povoadas por vários grupos étnicos². Todos possuíam sistemas de crenças diferenciadas, ancoradas nas forças da natureza, nos espíritos dos antepassados e em outras entidades³, contrárias à visão de Deus dos ocidentais europeus. No mesmo sentido, Jecupé salienta:

[...] o índio, clã, tribo, espírito se integram de tal maneira que não se carece de religião, no sentido ocidental da palavra e também no sentido do que fizeram do sentido original da palavra. Conforme se diz, a palavra vem do latim religare, religar. Religar com alguma coisa. Com o Divino, com Deus. Foi essa a ideia trazida para estes trópicos no século XVI.⁴

¹ BOYER, Véronique. *Approches sociologiques et anthropologiques du pentecôtisme: le cas brésilien*. Problèmes d'Amérique Latine, Paris, n. 24, p. 33-38, 1997.

² MENDONÇA, Joselma B. Silva de S. *Mitos, ritos, memórias e imaginário dos indígenas Potiguara da Paraíba*. 2022. 297 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

³ FARIAS, Eliane Silva de; BARCELLOS, Lusival Antonio. *Memória Tabajara: manifestações de fé e de identidade étnica*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015; FELIX, Iraniana Sinésio Gomes. *A alteridade e a espiritualidade dos universitários Potiguara da Paraíba*. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

⁴ JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra de mil povos: história indígena brasileira contada por um índio*. São Paulo: Petrópolis, 1998. p. 97.

Compreender o universo religioso dos povos indígenas é tarefa complexa e, ao mesmo tempo, instigante, devido à abundância de elementos existentes. Uma das principais riquezas culturais que compõem a identidade indígena Tabajara da Paraíba, sobretudo conectado com a ancestralidade, é o Ritual do Toré⁵. Dentre as muitas dimensões que possui, o Toré tem uma mística⁶ e uma notável variação semântica.

Segundo Oliveira Filho, no Nordeste, onde está boa parte das tradições indígenas brasileiras, o Toré é concebido como uma “[...] expressão lúdica e organizadora, íntima e emblemática, definida pelos indígenas como ‘tradição’, ‘união’ e ‘brincadeira’, que é atualmente uma prática conhecida e presente na maioria das coletividades que se reivindicam como indígenas.”⁷ Trata-se, ainda, de uma dança e uma forma de expressão política⁸. Ele também é visto como sagrado, pois afirma e delimita a presença indígena em um dado espaço⁹.

Além do ritual do Toré, um aspecto que marca a religiosidade dos indígenas é a forma de perpetuação dos seus ensinamentos. Em algumas culturas, os responsáveis são as/os anciãs/ãos, também chamados ‘trancos velhos’¹⁰. Em outras, é o ‘pajé’ que detém o saber ancestral¹¹. Entre os Potiguara da Paraíba, o pajé utilizava locais apropriados, como a natureza sagrada, para tratar do bem-estar físico e espiritual do seu povo¹².

⁵ GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (org.). *Toré: regime encantado do índio do Nordeste*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana, 2004.

⁶ BARCELLOS, Lusival Antonio; FIGUEIREDO, Márcia Medeiros. Imaginário místico-indígena da dança do Toré Tabajara na Paraíba: construções simbólicas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA LATINA, 3., 2020, Brasília. *Anais [...]*. Brasília: CIPIAL, 2019.

⁷ OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (org.). *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2004. p. 9.

⁸ FARIAS, Eliane Silva de. *Estudo sobre as práticas educativas do povo indígena Tabajara da Paraíba no século XXI*. 2021. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidad Internacional Ibero-americana, Porto Rico, 2021.

⁹ FIGUEIREDO, Márcia Medeiros. *A mística da dança do Toré: imaginário social do povo indígena Tabajara da Paraíba*. 2020. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

¹⁰ MENDONÇA, Joselma B. Silva de S.; NASCIMENTO, José M. do; BARCELLOS, Lusival A.; Etnoeducação Potiguara: memória dos trancos velhos, cosmologia e saberes existenciais. *Religarem*, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 105-140, 28 set. 2020.

¹¹ SANTOS, Carla Jaciara Jaruzo dos. *Violência indígena na Paraíba: conflitos culturais e religiosos no âmbito universitário*. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

¹² BARCELLOS, Lusival Antonio et al. *Diversidade Paraíba: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos*. João Pessoa: Grafaste, 2014.

Afora essas sabedorias dos povos originários, salta aos olhos o fato de que, devido à opressão, ao genocídio, ao interesse mercadológico do invasor, os povos indígenas tiveram de enfrentar as máculas do colonialismo, uma das principais tendo sido resistir à crença do dominador, nesse caso, a evangelização cristã. Levando em conta a realidade presente, crenças e outros imaginários foram impostos às populações indígenas, sem considerar suas manifestações¹³. O projeto de colonização tinha como propósito a total submissão dos indígenas e dos afrodescendentes aos interesses reais¹⁴. A resistência, aqui, também significava a não ‘aceitação’ da fé cristã. Entretanto, com o passar dos séculos, a sociedade brasileira teve uma forte evangelização, com a presença de várias religiões cristãs.

As formas de indigenização do pentecostalismo testemunham um processo de apropriação local e sublinham a plasticidade cultural do movimento pentecostal, como relata Wiik: “[...] a estratégia dos missionários de distribuir cargos e funções religiosas aos Xokleng foi fundamental para a disseminação do evangelho entre eles [...]”¹⁵. Nesse sentido, segundo o autor, parece-nos familiar o modo pentecostal de ser.

Tudo o que mencionamos anteriormente denota como o universo religioso vem se reconfigurando. Além disso, esse cenário revela que nos encontramos continuamente diante do diferente. Somos diferentes não apenas em termos de religião, mas também em termos de comportamento, pensamento e em outros sentidos. O diferente, nesse caso, não é necessariamente o estranho, mas aquele próximo, que vive em nosso espaço e tempo, com o qual nos relacionamos e por meio do qual, muitas vezes, nos redefinimos.

São esses espaços labirínticos que favorecem o surgimento do pluralismo. Entretanto, no caso do universo religioso, por exemplo, ele:

[...] obriga ao autoquestionamento ou ao descentramento, provocando um movimento contínuo de autoavaliação e de permanente validação dos

¹³ MENDONÇA; NASCIMENTO; BARCELLOS, 2020.

¹⁴ BARCELLOS *et al.*, 2014.

¹⁵ WIIK, Flávio Braune. O evangelho transformado: apropriações Xokleng (Jê) do cristianismo pentecostal. In: WRIGHT, Robin M. (org.). *Transformando Deuses: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. v. 2. p. 141-168. p. 154.

sistemas religiosos tradicionais, já que os indivíduos são atravessados pelo conjunto de bens simbólicos à disposição.¹⁶

Ao nosso ver, essa reviravolta de percepção é profícua, pois leva à reflexão crítica de questões antes cristalizadas. Uma dessas questões, conforme Arruda, é pensar que:

[...] apesar de diferentes entre si, os povos e culturas nunca estiveram totalmente isolados, ocorrendo sempre trocas culturais em maior ou menor grau. Tanto por processos criativos internos quanto por contato com outras, as culturas mudam sempre.¹⁷

Ademais, o autor lembra também que apesar de todo hibridismo étnico, o que “[...] continua caracterizando a particularidade cultural dos povos é o *modo como incorporam* os elementos de fora.”¹⁸ Esse contexto está muito presente em todas as sociedades e se articula de diferentes formas, conforme cada grupo social pensa e define. A religiosidade Tabajara se torna um dos pontos de discussão para a compreensão mais sólida sobre os indígenas do litoral sul paraibano.

RELIGIOSIDADE TABAJARA

Explorar o berço histórico dos povos originários tem se tornado uma prática comum dos pesquisadores que se debruçam sobre os grupos indígenas contemporâneos. Neste artigo, centraremos nossa atenção no povo Tabajara¹⁹. Do início do século XVII até final do século XIX, os Tabajara ocuparam seu território tradicional, que se localizava na microrregião do litoral sul paraibano²⁰. No século XVI,

¹⁶ FERNANDES, Sílvia R. Alves; PITTA, Marcelo. Mapeando as rotas do trânsito religioso no Brasil. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 26, p. 120-152, jul./dez. 2006. p. 147.

¹⁷ ARRUDA, Rinaldo S. V. Os dilemas da relação intercultural: limites da autonomia indígena para o estabelecimento de um verdadeiro diálogo. In: DANTAS, Sílvia Duarte (org.). *Diálogos Interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012. p. 161-168. p. 164.

¹⁸ ARRUDA, 2012, p. 164. (Grifo do autor).

¹⁹ ANDRADE JÚNIOR, Galício Freire de. *Toré e cultos pentecostais: resistências, limites e desafios do universo cultural religioso dos indígenas Tabajara da Paraíba do século XXI*. 2022. 196 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

²⁰ MURA, Fábio; PALITOT, Estevão Martins; MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. *Relatório Tabajara: um estudo sobre a ocupação indígena no litoral sul da Paraíba*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

a história dos Tabajara tem registros de constantes conflitos e alianças, não só com colonizadores, mas também com os Potiguara²¹. De acordo com a autora:

[...] os aliados Tabajaras que, naquela época, ocuparam uma porção do território incrustada entre as terras dos seus inimigos tradicionais, Kaeté ao sul e Potiguara ao norte, já haviam sido expulsos, passando a transitar na faixa de terra entre a Zona da Mata e o Rio São Francisco, onde continuavam a prestar serviços aos aliados, fazendo guerra para cativoiro.²²

Em consonância, Gonçalves também afirma: “Piragibe e seu povo – os Tabajaras – que tinham uma longa história de conflitos e alianças com homens de Pernambuco”²³. Após a ocupação lusitana na Paraíba (1516), os Tabajara e outros povos foram submetidos ao regime do aldeamento. Conforme Farias e Barcellos²⁴, a prática do aldeamento tinha como desafio fazer do índio um sedentário. A tática utilizada para tanto costumava ser o deslocamento de povos inteiros para novas aldeias ou a própria catequização.

O aldeamento (e conversão) desse povo era liderado por religiosos, colonos e soldados e tinha como propósito “[...] domesticar essas populações introjetando os valores e normas portuguesas no universo cultural indígena.”²⁵

Nos séculos posteriores, a história dos Tabajara se entrelaça à questão fundiária. Com a demarcação dos lotes na antiga Sesmaria da Jacoca, atual Conde, PB, o aldeamento dos Tabajara ganha outros contornos. Na região, onde localizava-se o Sítio dos Caboclos, as famílias viviam da agricultura, caça, pesca e outras atividades²⁶. Afora isso, muitos conflitos e atos de violência preenchem a memória histórica desse povo. Registros apontam que, à época, grande parte das terras indígenas foram expropriadas²⁷. Quem protagonizava tais atos eram famílias detentoras de um grande poderio econômico, as chamadas “oligarquias”. Estas,

²¹ GONÇALVES, Regina C. *Guerras e Açúcares: política e economia na capitania da Paraíba, 1585 - 1630*. São Paulo: Edusc, 2007.

²² GONÇALVES, 2007, p. 43.

²³ GONÇALVES, 2007, p. 34.

²⁴ FARIAS; BARCELLOS, 2015.

²⁵ FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 80.

²⁶ MURA; PALITOT; MARQUES, 2015.

²⁷ RESENDE, Cristina da Conceição. *Toré do povo indígena Tabajara da Paraíba: estrutura, crença e ressignificações*. 2018. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

utilizavam-se de atos de violência física e psicológica. Dentre as famílias, destaca-se a família Lundgren²⁸.

As origens dos Tabajara remontam, assim, a um cenário de jugo e tirania. Além da exploração econômica, do brutal anseio de 'conversão', das tentativas de extermínio, a cultura Tabajara testemunhava a violação de suas tradições e elementos mais sagrados. Devido ao contexto, resistiram, mas, não restando outra opção para sobreviver, foram forçados a migrar de suas terras para outros locais.

Entretanto, após um século de exclusão, silenciamento e invisibilidade, o povo indígena Tabajara ressurgiu em 2006, mediante os movimentos de emergência étnica (etnogênese), que ocorreu entre os povos nativos do Nordeste. Esses movimentos

[...] reivindicavam da atual agência indigenista – a Fundação Nacional do Índio (Funai) – o reconhecimento de seu status indígena e a consequente demarcação dos territórios indígenas. Se na década de 1930, três ou quatro povos indígenas eram reconhecidos no Nordeste, o número atual dos grupos reconhecidos e/ou solicitando reconhecimento chega aos cinquenta.²⁹

A partir do processo denominado etnogênese³⁰, os Tabajara vêm se fortalecendo, buscando, sobretudo, o reconhecimento de sua indianidade e demarcação de seu território³¹.

Dentro do processo de etnogênese, um dos aspectos reavivados e reelaborados pelos Tabajara é o aspecto religioso³². O campo da religiosidade, de uma maneira geral, para esse povo, não pode ser descrito em termos substantivos, isto é, não se trata da simples enumeração de crenças e práticas. Os Tabajara sofreram forte influência do cristianismo desde o período colonial. “A população Tabajara desenvolveu-se recebendo como herança ideológica e cultural a influência do pensamento religioso católico através da ordem religiosa franciscana.”³³

²⁸ FARIAS, 2021.

²⁹ GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Toré e Jurema: emblemas indígenas no Nordeste do Brasil. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 60, n. 4, p. 43-45, 2008. p. 43.

³⁰ FERNANDES, Fernando Roque. Cidadanização e Etnogêneses no Brasil: apontamentos a uma reflexão sobre as emergências políticas e sociais dos povos indígenas na segunda metade do século XX. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 36, p. 71-88, 2018.

³¹ BARCELLOS, Lusival Antonio; FARIAS, Eliane Silva de; STEVENS, Lília. Ser Tabajara: jovens indígenas vivenciando práticas de identidade étnica. *Revista Cocar*, Belém, v. 14, n. 29, p. 458-476, maio/ago. 2020.

³² FIGUEIREDO, 2020.

³³ FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 173.

Mas, ao contrário do que se poderia supor, que a religiosidade originária estava cedendo lugar à religião cristã e que tais populações assimilariam de modo integral o credo dominante, o que se assinala, atualmente, na religiosidade desse povo é um conjunto de crenças muito diversificado³⁴.

Até o século XIX, a catequização foi um dos principais instrumentos de conquista e domínio dos povos Tabajara. Além de seu próprio sistema de crença, pode-se dizer que o catolicismo foi, à época, a única religião institucionalizada praticada por eles. Após a diáspora que se iniciou no final do Brasil Império, começam a ter contato com outros ritos religiosos, principalmente os ligados a matrizes cristãs evangélicas³⁵.

Os traços culturais que constituem um grupo étnico mudam, a cultura pode ser objeto de transformações, sem que isso implique no seu esvaziamento. Dentre as matrizes evangélicas com as quais os Tabajara tiveram contato, a de maior pungência foi a tradição pentecostal³⁶. A religiosidade Tabajara, no século XXI, está ligada diretamente ao contato com igrejas pentecostais³⁷.

O modo como isso ocorre desperta cada vez mais atenção. São muitas as crenças do povo Tabajara. Além de considerarem sagrada a natureza, dão suma importância às forças espirituais. “Uma delas é a Mãe Terra, lugar sagrado, onde moram os espíritos de luz, os encantados, as forças espirituais e diversas entidades, como o Pai Mangue.”³⁸ Além do reconhecimento desses fenômenos, muitos Tabajara recorrem a Deus para atender suas necessidades.

Por ocasião da reocupação no assentamento Mucatu, quando um pequeno grupo de indígenas foi surpreendido por dezenas de policiais e seguranças que queriam expulsá-los daquela área. Ao perceberem a presença da tropa de força toda armada, *os indígenas se uniram e elevaram os pensamentos a Deus*. E após o balanço do maracá e do canto do ritual sagrado do Toré, foram ao encontro de batalhão repressor que imediatamente dispersou fugindo com medo, não havendo sequer um disparo de arma de fogo.³⁹

³⁴ FARIAS, 2021.

³⁵ BARCELLOS, Lusival Antonio; FARIAS, Eliane Silva de; CÓZAR, Juan. *Paraíba Tabajara*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

³⁶ BARCELLOS, FIGUEIREDO, 2019.

³⁷ FARIAS, 2021.

³⁸ FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 143.

³⁹ BARCELLOS *et al.*, 2014, p. 31. (Grifo nosso).

Em um primeiro plano, essa dupla pertença não parece problemática. Em termos mais práticos, é que encontramos alguns conflitos:

A prática da reelaboração do ritual do Toré tem causado constrangimento para os Tabajara de segmento pentecostal histórico ou tradicional, pois não comunga com o ato de fumar o cachimbo e entrar em sintonia (invocar) com os espíritos dos ancestrais; eles acreditam haver manifestação de seres malignos. Visão que os colonizadores tinham em relação às manifestações religiosas indígenas.⁴⁰

Outro aspecto também conflitivo são as práticas de cura. Os rituais xamânicos de práticas de cura nas culturas indígenas tradicionais geralmente são vistos pelos pentecostais como manifestação de alguma força maligna⁴¹. Em contrapartida, de modo semelhante, muitas igrejas pentecostais adotam esse tipo de prática. Em consonância, lembra Passos, “[...] com essas promessas e práticas de cura, os grupos pentecostais avançam na direção dos pobres e dos arquétipos religiosos mais profundos: as curas xamânicas indígenas, os tranSES dos cultos africanos.”⁴²

Partindo do contexto Tabajara, poderíamos, então, supor que, para manter sua indianidade, sociedades indígenas deveriam permanecer fiéis às referências da tradição, começando pelo campo religioso. Contudo, não é isso que queremos defender, mas, sim, problematizar a própria noção de identidade desses povos, que é permeada por uma série de mudanças.

Em um trecho bastante provocativo, Arruda⁴³ afirma que é equivocada a ideia que temos sobre a concepção de autenticidade de uma cultura. Essa concepção, já superada pela antropologia, sustentava o seguinte: um povo que adota muitas práticas culturais de outro, perde sua autenticidade, torna-se ‘aculturado’. Isso teria ocorrido com o universo religioso Tabajara, caso não compreendêssemos que crenças e práticas, componentes da cultura de um povo, são dinâmicos.

A cultura, assim como a religião, além de dinâmica, é mutável, e, mesmo mutável, possui um ‘estilo’ próprio. O estilo é, justamente, a permanência na mudança, isto é, se reelaborando e se reinventando a partir de práticas internas com fluxos culturais mais amplos. Essa ideia vai ao encontro da percepção da religião como foco

⁴⁰ FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 181.

⁴¹ FARIAS, 2021.

⁴² PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começos*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 67.

⁴³ ARRUDA, 2012.

de resistência cultural e de preservação da identidade étnica, difundidos em tempos de outrora.

PROCESSOS DE MUDANÇAS NO UNIVERSO RELIGIOSO TABAJARA

São diversos os processos de mudança do universo religioso⁴⁴. No caso dos Tabajara, nos deteremos apenas em sua relação com o pentecostalismo. A identidade religiosa Tabajara pode ser descrita, atualmente, bem mais em termos de múltipla pertença, do que como uma rígida fronteira⁴⁵. Essa mudança está diretamente relacionada a fatores socioculturais e à própria escolha do indivíduo.

No interior desse complexo processo, gostaríamos de ressaltar um aspecto: a perspectiva da múltipla pertença coaduna com a ideia de trânsito religioso. No trânsito sincrônico, o indivíduo transita, ao mesmo tempo, por diversos grupos religiosos, assumindo uma multiplicidade de crenças. Neste artigo, consideramos não a mudança de filiação religiosa, mas o trânsito de ideias e crenças. O indígena convertido admite a pertença à fé cristã, participa de suas atividades, mas mantém-se ligado à sua ancestralidade ou não.

O pentecostalismo é considerado um dos fenômenos mais revolucionários do universo religioso contemporâneo e, talvez, um dos mais marcantes da história recente do cristianismo. Ele surgiu, enquanto um movimento peculiar, nos últimos anos do século XIX e início do século XX e manteve-se circunscrito às fronteiras dos Estados Unidos e posteriormente à Inglaterra. Só depois foi que ele se irradiou para outras partes do globo. As raízes do movimento remontam, contudo, ao protestantismo europeu do século XVI, aquele que deflagrou a Reforma na Igreja Católica de então⁴⁶.

O pentecostalismo parte, fundamentalmente, da crença na volta de Cristo, considerando que somente 'Ele' combaterá o mal da humanidade e que apenas os

⁴⁴ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

⁴⁵ FARIAS, 2021; FIGUEIREDO, 2020; SARAIVA, Ilson Roberto Morais. *Cerâmica e pintura corporal indígena: a arte como agente de consolidação do patrimônio imaterial dos Tabajara da Paraíba*. 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

⁴⁶ SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* Viçosa: Ultimato, 2004.

‘escolhidos’ terão uma vida plena e justa. Além disso, ele dá ênfase à necessidade do batismo no Espírito Santo, a cura divina, a libertação, dom de línguas, entre outros aspectos.

No Brasil, o pentecostalismo surge em Belém do Pará, por volta de 1910, no interior de igrejas batistas⁴⁷. Atualmente, as igrejas pentecostais têm conquistado milhares de pessoas. Tamanha é sua magnitude que elas são capazes de “[...] de influenciar significativamente, não apenas o quadro religioso, mas também o social e o político do país.”⁴⁸ As primeiras manifestações religiosas pentecostais brasileiras ocorreram no início do século XX, com a fundação das Igrejas ‘Congregação Cristã no Brasil’, em São Paulo, e ‘Assembleia de Deus’, no Pará.

Apoiado nesse percurso histórico, o sociólogo Paul Freston destaca *três ondas* ou fases de implantação do pentecostalismo em nosso país⁴⁹. A primeira onda refere-se à fundação das primeiras igrejas pentecostais (Congregação Cristã no Brasil – 1910 e Assembleia de Deus – 1911). A segunda diz respeito à fragmentação do campo pentecostal já implantado e o surgimento de outros importantes grupos nesse contexto, a exemplo da Igreja do Evangelho Quadrangular (1951) e da Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962). A terceira onda se inicia no final da década de 1970, com a ‘aparição’ das igrejas ‘neopentecostais’, a partir da influência norte-americana das igrejas eletrônicas. Nesse quadro, incluem-se a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), a Igreja Renascer em Cristo, dentre outras.

São características da primeira onda a ênfase no batismo no Espírito Santo e no falar em línguas (glossolalia). Da segunda, a cura divina e, da terceira onda, a mensagem da prosperidade. Em linhas gerais, o que o movimento pentecostal vem aglutinando coaduna com uma mensagem religiosa que vai ao encontro das necessidades do indivíduo, necessidades materiais, de ordem espiritual e até existencial. Acerca desse último aspecto, frisa Souza:

⁴⁷ ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911-2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

⁴⁸ SOUZA, 2004, p. 11.

⁴⁹ MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

O pentecostalismo adiciona ao ato religioso o sensacionalismo e o espetáculo, acompanhados de um produto doutrinário que intervém prioritariamente nos *universos da dor, da angústia e da ansiedade da existência humana, trabalhando os conflitos do aqui e do agora*.⁵⁰

Como se pode perceber por esses argumentos, o discurso sempre se dirige a pessoas que passam por experiências aflitivas, sem esperança. Por isso, as igrejas pentecostais têm, de alguma forma, se sobressaído no campo religioso, haja vista que adotam estratégias que buscam sempre superar obstáculos⁵¹.

A ‘conversão indígena’ segue uma lógica que não difere de outros tipos de conversão – o indivíduo é orientado a mudar de vida, ser uma nova pessoa, abandonar velhos hábitos, principalmente aqueles que o distanciam dos planos divinos.

A mudança é algo característico da Igreja Assembleia de Deus. Diferentemente de outros segmentos pentecostais, seu maior interesse é a transformação do indivíduo. Daí a necessidade de se ouvir suas dores, suas angústias, seus lamentos, enfim, toda vida pregressa do pecado. A eclesiologia pentecostal da Assembleia de Deus se coaduna com a questão social. Conforme Alves⁵², a igreja entende que os problemas sociais resultam de crises espirituais e morais dos indivíduos.

A prioridade é o sujeito, já que a transformação da sociedade só ocorrerá quando os indivíduos que a compõem, se modificarem “um a um”. Além disso, de acordo com os ensinamentos, é preciso que o fiel se separe do pecado, do mundo e das coisas que ele oferece. O caminho da salvação, conforme os princípios cristãos, permanece sendo a santidade, retidão e pureza, base da moralidade.

Com relação aos Tabajara, observa-se que a ligação desse povo com a fé cristã não é recente, pois remonta ao período colonial, quando eram ‘evangelizados’ e ‘convertidos’ por missionários católicos. Essa conjuntura marca a história desse povo⁵³. Entretanto, se nessa época a imposição da crença dominante levava à total negação da identidade ancestral, hoje, para esse povo, a fé cristã se impõe como uma maneira diferente de ser e perceber a realidade. Nessa esteira, vejamos o relato de

⁵⁰ SOUZA, 2004, p. 12. (Grifo nosso).

⁵¹ SOUZA, 2004.

⁵² ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola; Editora Teológica, 2005.

⁵³ SARAIVA, 2019.

‘Seu João Boinho’, indígena Tabajara, cristão fervoroso, mas que não demonstra nenhuma repulsa sobre as crenças nas entidades da natureza, elemento fundamental da religiosidade dos povos originários.

Nós, protestantes, não acreditamos em vida após a morte, quando morremos se acaba tudo. A salvação é seguir os caminhos de Deus e, para isso, um bom testemunho é amar a seu próximo como a si mesmo. Bem poucas pessoas praticam esse mandamento de Deus. Quando recebemos bênção, nossos crentes ficam jubilantes, cantamos, batemos palmas para agradecer e exaltar ao senhor nosso Deus. Assim, como fez Miriam na passagem do mar Vermelho.⁵⁴

Acerca dessa crença indígena, Farias e Barcellos⁵⁵ lembram que Seu João Boinho, “[...] em um de seus relatos, nos fala que foi tirar cipó no mangue e perdeu a orientação geográfica, não sabia como saiu, atribuindo este fato ao Pai do Mangue.” Segundo os autores, Seu João afirma ser crente da Igreja Assembleia de Deus de Madureira e, como muitos outros, ele participa do processo de luta pelo reconhecimento étnico Tabajara. A partir do exemplo de “Seu João”, percebe-se como se deu a aproximação do pentecostalismo com a comunidade Tabajara e quais mecanismos e estratégias foram utilizados para que muitos indígenas abraçassem esse movimento religioso.

Estudos recentes⁵⁶ demonstram que tudo começou quando os indígenas Tabajara sofreram, por parte das grandes oligarquias, o esbulho de seu território. Naquelas circunstâncias, migraram para as periferias urbanas. Sem recursos financeiros, trabalho e qualquer suporte, muitos indígenas foram então acolhidos por Igrejas da Assembleia de Deus⁵⁷.

Em face do sentimento de solidariedade e cooperação, a maioria decide aderir a esse segmento religioso pentecostal, e alguns Tabajara são escolhidos pelos dirigentes da Assembleia de Deus, para serem Assistentes, Diáconos e Presbíteros⁵⁸.

⁵⁴ FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 149.

⁵⁵ FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 149.

⁵⁶ FARIAS, 2021; COSTA, Surrain Santos Ismael da. *Ritual da Lua Cheia: Espiritualidade e tradição entre os Potiguara da Paraíba*. 2022. 329 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022; FALCÃO, Emmanuel de Souza Fernandes. *Grafismo e discurso identitário indígena Potiguara da Paraíba no século XXI*. 2022. 436 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022; ANDRADE JÚNIOR, 2022.

⁵⁷ ANDRADE JÚNIOR, 2022.

⁵⁸ FARIAS, 2021.

A 'conversão indígena' segue uma lógica que não difere de outros tipos de conversão: o indivíduo é orientado a mudar de vida, ser uma nova pessoa, abandonar velhos hábitos, principalmente aqueles que o distanciam dos planos divinos⁵⁹.

Vejamos esse o relato de Pedro Severo, como destaca Farias e Barcellos:

Quando eu aceitei Jesus mim sustentei, Jesus mim batizou no divino Espírito Santo falando a língua de crente, aí parece que eu fiquei suspenso da terra, gostava das coisas do mundo, das músicas de Luís Gonzaga. Deus condena a idolatria. A salvação vem de Jesus, diz o evangelho, quem quiser ser salvo, ter uma vida de santidade e eterna, de gozo tem que ser crente. Já faz cinquenta anos que sou crente, era rapaz ainda, não pedir minha saúde nas coisas do mundo.⁶⁰

Segundo Farias e Barcellos:

Os pentecostais apoiam a causa política de afirmação étnica, do etnônimo Tabajara, da retomada do território, mas não praticam o Ritual do Toré. Diante disso fica a questão: Quais estratégias serão adotadas pelos Tabajara para superar o impasse entre os pentecostais que se assumem indígenas, mas que não praticam o Toré? O Toré dará ao povo Tabajara o mesmo significado que tem para os povos indígenas do Nordeste?⁶¹

Só com o tempo é que saberemos os resultados. Cada Tabajara tem a liberdade de escolha, seja ela religiosa ou cultural⁶². Na atual conjuntura, a maioria dos Tabajara que está no movimento indígena, são pentecostais e sofrem, diariamente, influências da sociedade capitalista/consumista. Por outro lado, os etnossaberes, a etno-história, a etnobotânica e a resistência da etnia carecem de uma adesão e de fortalecimento contínuo⁶³.

No universo religioso que move os Tabajara, encontramos questões que envolvem pentecostalismo, etnicidade e identidade étnica. Nesses contrastes e discussões sobre aceitar ou não o que é próprio da cultura indígena, surgem outras problemáticas, a saber, entre os mais velhos e aqueles que desejam expor a sua forma de crença.

⁵⁹ ANDRADE JÚNIOR, 2022.

⁶⁰ FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 179.

⁶¹ FARIAS; BARCELLOS, 2015, p. 208.

⁶² BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 nov. 2021.

⁶³ FARIAS, 2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa doutoral analisados, revelam transformações na vida dos Tabajara relacionadas ao contato com o pentecostalismo. Os que participam das atividades religiosas pentecostais, seguem as orientações, conforme norteia a tradição cristã. Oram e invocam a presença de Deus em diversos momentos: nas horas das refeições, das comemorações, nas datas especiais, nos momentos de tribulações, nos momentos de conflitos, nos cultos semanais, na ceia mensal etc. Seguem o preceito da evangelização, logo, sentem-se na missão de anunciar a palavra de Deus, momento ápice de manifestação de fé cristã, dentre outros.

Fazendo um recorte analítico desses aspectos, chega-se à percepção clara de que a religiosidade Tabajara passou por fases de rupturas, assim como vêm se reelaborando. Entretanto, essa mudança ganha relevo exatamente no momento em que a comunidade reivindica seu lugar de pertença, seu território, suas memórias e sua cultura.

Hoje, existe uma grande valorização pelo movimento indígena, da mãe terra, da natureza sagrada, da força dos encantados, dos espíritos de luz, enfim, das raízes ancestrais dos povos originários. Entre os Tabajara, há indígenas que coadunam com essas orientações. Entretanto, a grande maioria dos indígenas Tabajara aldeados é pentecostal praticante e só o tempo dará as respostas para esta complexa conjuntura de resistência, religiosidade e de etnicidade dos Tabajara da Paraíba.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Gedeon Freire de. *Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia – 1911-2011*. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola; Editora Teológica, 2005.

ANDRADE JÚNIOR, Galício Freire de. *Toré e cultos pentecostais: resistências, limites e desafios do universo cultural religioso dos indígenas Tabajara da Paraíba do século XXI*. 2022. 196 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

ARRUDA, Rinaldo S. V. Os dilemas da relação intercultural: limites da autonomia indígena para o estabelecimento de um verdadeiro diálogo. In: DANTAS, Sylvia Duarte (org.). *Diálogos Interculturais: reflexões interdisciplinares e intervenções psicossociais*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2012. p. 161-168.

BARCELLOS, Lusival Antonio *et al.* *Diversidade Paraíba: indígenas, religiões afro-brasileiras, quilombolas, ciganos*. João Pessoa: Grafaste, 2014.

BARCELLOS, Lusival Antonio; FARIAS, Eliane Silva de; CÓZAR, Juan. *Paraíba Tabajara*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

BARCELLOS, Lusival Antonio; FARIAS, Eliane Silva de; STEVENS, Lília. Ser Tabajara: jovens indígenas vivenciando práticas de identidade étnica. *Revista Cocar*, Belém, v. 14, n. 29, p. 458-476, maio/ago. 2020.

BARCELLOS, Lusival Antonio; FIGUEIREDO, Márcia Medeiros. Imaginário místico-indígena da dança do Toré Tabajara na Paraíba: construções simbólicas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS DA AMÉRICA LATINA, 3., 2020, Brasília. *Anais [...]*. Brasília: CIPIAL, 2019.

BOYER, Véronique. Approches sociologiques et anthropologiques du pentecôtisme: le cas brésilien. *Problèmes d'Amérique Latine*, Paris, n. 24, p. 33-38, 1997.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 18 nov. 2021.

COSTA, Surram Santos Ismael da. *Ritual da Lua Cheia: Espiritualidade e tradição entre os Potiguara da Paraíba*. 2022. 329 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FALCÃO, Emmanuel de Souza Fernandes. *Grafismo e discurso identitário indígena Potiguara da Paraíba no século XXI*. 2022. 436 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

FARIAS, Eliane Silva de; BARCELLOS, Lusival Antonio. *Memória Tabajara: manifestações de fé e de identidade étnica*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FARIAS, Eliane Silva de. *Estudo sobre as práticas educativas do povo indígena Tabajara da Paraíba no século XXI*. 2021. 335 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidad Internacional Ibero-americana, Porto Rico, 2021.

FELIX, Iraniana Sinésio Gomes. *A alteridade e a espiritualidade dos universitários Potiguara da Paraíba*. 2018. 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

FERNANDES, Fernando Roque. Cidadanização e Etnogêneses no Brasil: apontamentos a uma reflexão sobre as emergências políticas e sociais dos povos indígenas na segunda metade do século XX. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 36, p. 71-88, 2018.

FERNANDES, Sílvia R. Alves; PITTA, Marcelo. Mapeando as rotas do trânsito religioso no Brasil. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 26, p. 120-152, jul./dez. 2006.

FIGUEIREDO, Márcia Medeiros. *A mística da dança do Toré: imaginário social do povo indígena Tabajara da Paraíba*. 2020. 125 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

GONÇALVES, Regina C. *Guerras e Açúcares: política e economia na capitania da Paraíba, 1585 - 1630*. São Paulo: Edusc, 2007.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo (org.). *Toré: regime encantado do índio do Nordeste*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massagana, 2004.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Toré e Jurema: emblemas indígenas no Nordeste do Brasil. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 60, n. 4, p. 43-45, 2008.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra de mil povos: história indígena brasileira contada por um índio*. São Paulo: Petrópolis, 1998.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, Joselma B. Silva de S. *Mitos, ritos, memórias e imaginário dos indígenas Potiguara da Paraíba*. 2022. 297 f. Tese (Doutorado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022.

MENDONÇA, Joselma B. Silva de S.; NASCIMENTO, José M. do; BARCELLOS, Lusival A.; Etnoeducação Potiguara: memória dos troncos velhos, cosmologia e saberes existenciais. *Religarem*, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 105-140, 28 set. 2020.

MURA, Fábio; PALITOT, Estevão Martins; MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. *Relatório Tabajara: um estudo sobre a ocupação indígena no litoral sul da Paraíba*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (org.). *A viagem de volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Laced, 2004.

PASSOS, João Décio. *Pentecostais: origens e começos*. São Paulo: Paulinas, 2005.

RESENDE, Cristina da Conceição. *Toré do povo indígena Tabajara da Paraíba: estrutura, crença e ressignificações*. 2018. 58 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

SANTOS, Carla Jaciara Jaruzo dos. *Violência indígena na Paraíba: conflitos culturais e religiosos no âmbito universitário*. 2020. 146 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.

SARAIVA, Ilson Roberto Moraes. *Cerâmica e pintura corporal indígena: a arte como agente de consolidação do patrimônio imaterial dos Tabajara da Paraíba*. 2019. 96 f. Dissertação (Mestrado em Ciências das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SOUZA, Alexandre Carneiro de. *Pentecostalismo: de onde vem, para onde vai?* Viçosa: Ultimato, 2004.

WIJK, Flávio Braune. O evangelho transformado: apropriações Xokleng (Jê) do cristianismo pentecostal. *In: WRIGHT, Robin M. (org.). Transformando Deuses: Igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. v. 2. p. 141-168.